

ESTRATÉGIAS DE ESTUDANTES NEGROS PARA PROTEGER E PROMOVER SEU BEM-VIVER DENTRO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Alessandro de Oliveira dos Santos¹

1. Professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP

Resumo:

O trabalho focaliza estratégias de estudantes negros para proteger e promover seu bem-viver nas universidades. É um estudo qualitativo com base no levantamento e análise de conteúdo de fontes secundárias (notícias veiculadas na mídia) e de entrevistas com estudantes negros. Por meio da convergência dos conteúdos que emergiram foi possível derivar duas categorias: manifestação de preconceito étnico-racial contra estudantes negros; e estratégias de estudantes negros para proteger e promover seu bem-viver nas universidades. O ambiente hostil encontrado pelos estudantes negros nas universidades gera sofrimento e cria um sentimento de não pertencer ao ambiente acadêmico. A participação em coletivos organizados de estudantes negros contribui para que eles possam reverter esse sentimento, encontrando um espaço seguro para proteger seu bem-estar, melhorar suas habilidades acadêmicas e sua capacidade de lutar pelo reconhecimento de direitos e em prol da inclusão social nas universidades.

Autorização legal: Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 62602716.9.0000.5561.

Palavras-chave: Relações Étnico-Raciais; Qualidade de Vida; Pesquisa Qualitativa.

Apoio financeiro: FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Introdução:

A desigualdade entre brancos e negros no que tange ao acesso ao mercado de trabalho, à saúde e à educação, tem tido graves consequências para a população negra. No que tange à educação, estudos têm mostrado que as experiências desiguais entre negros e brancos aumentam a partir do ensino médio, atingindo seu ápice no ensino superior (BARRETO, 2015; SILVA, 2013; PAIXÃO, ROSSETTO, MONTOVANELE & CARVANO, 2010).

Desse modo, cada vez mais organizações públicas e privadas têm se colocado favoráveis à implantação de políticas sociais de inclusão da população negra. Dentre estas organizações, podemos considerar a universidade pública como o espaço onde, nas últimas décadas, têm acontecido as maiores transformações. Isso porque, desde 2002, as universidades públicas têm implantado programas de ação afirmativa, possibilitando maior oportunidade de acesso dos negros aos cursos de nível superior. As principais iniciativas em andamento são os sistemas de reserva de vagas no vestibular a partir de critérios socioeconômico e étnico-racial.

Destarte, estudos recentes têm mostrado que após ingressar nas universidades públicas os estudantes negros encontram um ambiente acadêmico hostil a eles, além dos desafios impostos por uma academia cujos referenciais epistemológicos são quase sempre eurocêtricos (MODESTO, MINELLI, FERNANDES, RODRIGUES, BUFOLO, BITENCOUR & PILATI, 2018; VOLINSKI, SILVA FILHO, SILVA, SOUZA & FONSECA, 2018; TEIXEIRA & SILVA, 2017; CASTRO, FOSTER & CUSTÓDIO, 2017). A Psicologia tem como um de seus focos a mitigação do sofrimento e a promoção da saúde, por conseguinte, seu compromisso está voltado para o bem viver das populações.

Este trabalho descreve estratégias de estudantes negros para proteger e promover seu bem-viver dentro das universidades públicas. A noção de bem viver esta relacionada à melhoria da qualidade de vida, envolvendo o acesso à educação de qualidade, condições dignas de estudo e trabalho, relações sociais e familiares saudáveis, dentre outros aspectos.

Metodologia:

Trata-se de um estudo qualitativo do tipo descritivo exploratório utilizando como procedimentos de coleta de dados: (a) o levantamento de fontes secundárias (notícias veiculadas na mídia por meio de jornais, revistas e sítios eletrônicos) sobre a situação de estudantes negros em 09 universidades públicas de diferentes regiões do Brasil (Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Universidade Federal da Bahia-UFBA, Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, Universidade de Brasília-UNB, Universidade Federal de Goiás-UFG, Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ, Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS); e (b) a realização de 15 entrevistas com estudantes negros da Universidade de São Paulo (USP).

Os estudantes entrevistados não guardam relação de parentesco entre si, sendo selecionados com base em seu fenótipo, ou seja, a cor de pele preta ou parda (cuja soma na classificação do IBGE corresponde à denominação de pessoas negra). As entrevistas foram realizadas mediante assinatura de Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos estudantes.

Após a identificação e seleção de 23 notícias veiculadas na mídia e da transcrição das 15 entrevistas gravadas em áudio, o material resultante foi submetido à análise de conteúdo, buscando-se reconhecer os significados emergentes nas notícias e nos relatos dos entrevistados capazes de descrever estratégias de estudantes negros para proteger e promover seu bem-viver dentro das universidades. Em seguida, houve o agrupamento dos principais significados emergentes em duas categorias, construídas com base na convergência dos conteúdos que surgiram: (a) manifestação de preconceito étnico-racial contra estudantes negros; e (b) estratégias de estudantes negros para proteger e promover seu bem-viver nas universidades.

Resultados e Discussão:

Dentre as manifestações de preconceito étnico-racial contra estudantes negros que foram identificadas por meio da análise das notícias veiculadas na mídia se destacam mensagens escritas nas portas de banheiros das universidades como: “O lugar dos negros não é a universidade, mas a prisão”; “Mulheres negras fedem”; “Saia daqui, macacos! O lugar dos negros é a senzala”. Além disso, a análise das notícias também aponta para o fato de que nas redes sociais compartilhadas entre os estudantes universitários, como Facebook e WhatsApp, ocorrem manifestações sutis de preconceito étnico-racial como: “Eu quero ver se esses negros serão capazes de se formar, entrar na universidade é uma coisa, mas se formar...”; “Quem diz que os negros serão felizes na universidade? Isso tem que ser o único caminho?”. Em geral, essas manifestações expressam a ideia de que os estudantes negros não têm o mesmo nível educacional e condições de vida dos outros estudantes universitários e que sua presença irá reduzir a qualidade dos cursos oferecidos.

Tal realidade não é diferente entre os estudantes negros da USP embora se mostre de forma menos explícita. A análise de conteúdo das entrevistas com os estudantes indica que eles percebem a presença de sentimentos de hostilidade e rejeição e situações de impedimentos na universidade, derivadas de concepções acerca da inferioridade da cor-raça negra. Por meio da análise de conteúdo foi possível identificar relatos como: “Não tem um lugar que você chegue [na USP] que a cor [da pele] e o cabelo não são questão”; “a USP não é convidativa para pessoas como eu [negro]”; “(...) a gente acaba não se sentindo bem porque não nos vemos lá”; “(...) se a universidade fosse uma pessoa ela iria te seguir por onde você fosse e falar ‘vai embora, vai embora’”; “(...) esse lugar é para gente branca, gente preta aqui é segurança, tia da faxina, da cozinha”. Outro fenômeno identificado tanto no âmbito da análise de conteúdo das notícias veiculadas na mídia como por meio das entrevistas, foi a exclusão recorrente dos estudantes negros de grupos de trabalho, festas, viagens e outras atividades comuns à vida acadêmica.

No que diz respeito às estratégias para garantir e promover seu bem viver, a análise de conteúdo das notícias e das entrevistas mostra que a principal estratégia utilizada pelos estudantes negros é a participação ativa em coletivos organizados por eles mesmos dentro das universidades. Tais coletivos criam homepages na Internet e realizam debates, cursos e campanhas para promover a igualdade étnico-racial e punir manifestações de preconceito étnico-racial dentro das universidades, além de promover festas e comemorações. Os coletivos contribuem para o empoderamento dos estudantes negros (ao oferecer, por exemplo, oportunidades de treinamento em pesquisa e acesso a cursos de línguas e redação), e também para desenvolver afetos positivos em relação à vida acadêmica, tendo em vista se tratar de lugares de acolhimento, apoio e sociabilidade.

Conclusões:

O preconceito étnico-racial vivenciado pelos estudantes negros dentro das universidades públicas contribui para criar um sentimento de não pertencer ao ambiente acadêmico e não ter o mesmo nível de outros estudantes universitários. No entanto, a participação em coletivos organizados de estudantes negros contribui para que esses estudantes possam reverter esse sentimento e encontrar um espaço seguro para proteger seu bem-estar, crescer e melhorar suas habilidades acadêmicas e sua capacidade de lutar pelo reconhecimento de direitos e em prol da inclusão social nas universidades públicas.

O ambiente hostil encontrado pelos estudantes negros no ambiente acadêmico gera sofrimento e aponta para a necessidade das universidades públicas incluírem em suas políticas de permanência estudantil ações destinadas a garantir o bem viver dessa população no ambiente acadêmico.

Referências bibliográficas:

BARRETO, P. C. S. Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 16:39-64, 2015.

CASTRO, B. P., FOSTER, E. D. L. S. & CUSTÓDIO, E. S. O Negro na universidade: percepções de estudantes sobre as relações inter-raciais na Universidade Federal do Amapá. *RevistAleph*, 29: 87-116, 2017.

MODESTO, J. G., MINELLI, A. C., FERNANDES, M. P., RODRIGUES, M., BUFOLO, R., BITENCOURT, R. & PILATI, R. Racismo e Políticas Afirmativas: Evidências do Modelo da Discriminação Justificada. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33:1-8, 2018.

PAIXÃO, M.; ROSSETTO, I.; MONTOVANELE, F. & CARVANO, L. (Orgs.). *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SILVA, T. D. Panorama social da população negra. In: SILVA, T. D. & GOES, F. L. (Orgs.). *Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes*. Brasília: IPEA, p.13-28, 2013.

TEIXEIRA, G. J. T. & SILVA, R. A. R. Ações Afirmativas: Um Estudo no Campus Central do IFRN. *Anthesis*, 5(9): 92-102, 2017.

VOLINSKI, V. S., SILVA FILHO, C. C.; SILVA, D. J.; SOUZA, J. B. & FONSECA, G. S. Reflexões Sobre as Cotas Sociais nas Universidades Públicas Brasileiras nos Cursos de Enfermagem e Medicina à Luz da Literatura: Acesso ou Permanência? *Seminário de Políticas Públicas e Sociais*, 1(1): 16-17, 2018.